

DECLARAÇÃO POLÍTICA  
BERTO MESSIAS – LIDER PARLAMENTAR DO PS  
AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2011

Sr. Presidente

Sras. e srs. Deputados

Sr. Presidente do Governo

Sras. e Srs. Membros do Governo

Os portugueses foram chamados, no último domingo, a eleger o Presidente da República.

Os resultados foram claros. Cavaco Silva venceu as eleições com quase 53 por cento dos votos expressos.

É altura, por isso, do Grupo Parlamentar do Partido Socialista saudar o Presidente da República eleito, esperando e desejando que contribua, através das suas competências constitucionais, para que Portugal supere os desafios com que está confrontado.

No rescaldo destas eleições, saudamos, também, os cerca de 4 milhões e meio de portugueses que exerceram o seu direito de voto e que, desta forma, entenderam participar na eleição de tão importante cargo como é o de Chefe de Estado.

Um cumprimento caloroso, também, a todos os que se empenharam activamente nas diversas campanhas das diversas candidaturas, num verdadeiro exercício de cidadania que, tendo em conta o carácter unipessoal destas eleições e a normal despartidarização de uma campanha presidencial, extravasou a acção dos diversos partidos políticos que entenderam apoiar os vários candidatos.

Os portugueses pronunciaram-se e quiseram que tudo fique como está, que tudo fique como até agora, com Cavaco Silva na Presidência da República.

A democracia funcionou e, naturalmente, respeitamos a decisão da maioria.

Sr. Presidente

Sras. e srs. Deputados

Neste processo eleitoral assistimos ao reforço do fenómeno da abstenção, com principal incidência nos Açores.

Saber que menos de um terço dos eleitores açorianos, exerceram o seu direito e dever de votar é um facto que nos deve preocupar a todos, enquanto agentes do sistema político e, sobretudo, enquanto cidadãos.

Uma taxa de abstenção próxima dos 70% nos Açores é preocupante e todos temos de contribuir para diminuir este fenómeno e vem demonstrar, também, a pouca importância que os açorianos dão a esta eleição e ao entendimento que têm sobre a importância real dos poderes presidenciais e da sua influência na vida das pessoas.

Mas o fenómeno da abstenção deve-se, também, a um afastamento generalizado dos cidadãos face à política, originado por titulares de cargos públicos que, independentemente dos partidos em que militam, exercem de forma errada e abusiva os poderes que os

cidadãos lhes conferem. São esses maus exemplos que temos de combater com mão pesada, em nome da nobreza e da importância da causa pública.

A política é o espelho da sociedade.

Existem boas e más pessoas em todas as áreas da sociedade, incluindo, obviamente, na política. E todos devem perceber que bons políticos implementam boas políticas que potenciam mais desenvolvimento e mais oportunidades para todos e são esses, os bons políticos, que devemos valorizar porque felizmente são mais os bons do que os maus exemplos.

É certo que os políticos têm responsabilidades acrescidas que não podem recusar, devendo concentrar-se no que verdadeiramente interessa e adaptar-se à evolução dos tempos e às necessidades das pessoas.

Mas também é certo que os cidadãos devem estar mais despertos para a importância da participação cívica e política.

Cidadãos mais atentos e mais participativos exigem mais dos seus agentes políticos que, conseqüentemente, têm de trabalhar mais e melhor responder aos desafios e às necessidades das populações.

Uma sociedade mais participativa será sempre sinónimo de uma sociedade mais desenvolvida.

O combate contra a abstenção e contra a baixa participação não pode ser um acto de contrição pós-eleitoral, tem de ser uma preocupação constante. É por isso que o Grupo Parlamentar do PS desenvolverá a curto prazo várias iniciativas que contribuam para um reforço da participação cívica e política dos cidadãos.

Sr. Presidente

Sras. e Srs. Deputados

Manuel Alegre foi, desde a primeira hora, o candidato presidencial apoiado pelo PS/Açores, com muito orgulho.

Quando ganha quem apoiamos, também ganha o PS, quando perde quem nós apoiamos, perdemos todos.

Esta a nossa forma de estar na política. O nosso património é feito de vitórias e de derrotas. As derrotas motivam-nos e as vitórias dão-nos alento.

O PS/Açores respeita a vontade dos portugueses expressa nas urnas, que implica a obrigação de um relacionamento institucional e leal com o Presidente da República eleito.

É assim na vida política. Debate-se com vigor e empenho nas campanhas eleitorais, mas os cargos e as responsabilidades institucionais de cada um assumem primazia depois de conhecidos os resultados.

Os portugueses fizeram a sua escolha. A democracia funcionou e Portugal tem um Presidente da República reeleito para um segundo mandato, cumprindo-se a tradição da reeleição que vem desde Ramalho Eanes.

Espera-se, agora, que o Presidente da República reeleito respeite os Açores e os Açorianos.

Respeite as nossas especificidades, o nosso ordenamento jurídico-constitucional, os nossos órgãos de governo próprio e tenha a

vontade e a capacidade de conhecer as dificuldades que a vida num arquipélago com grande descontinuidade territorial impõe.

Estamos certos que, à semelhança do que tem acontecido, os Órgãos de Governo Próprio dos Açores manterão sempre o respeito institucional devido ao Sr. Presidente da República.

Mas que não se confunda respeito com subserviência.

Não peçam ao PS/Açores para mudar de opinião política em relação a Cavaco Silva. As nossas convicções não se alteraram. Temos, hoje, as mesmas certezas sobre o seu comportamento em relação às autonomias do que tínhamos na sexta-feira passada.

Teremos total empenho num relacionamento institucional saudável com o Presidente da República, como se espera de um partido responsável, mas o nosso único limite para este relacionamento é claro: os interesses dos açorianos e dos Açores.

Como no passado, seremos intransigentes na defesa dos Açores e não nos vergaremos na sua defesa, qualquer que seja a ameaça e de quem quer que venha ela, seja de um Órgão de Soberania, seja de um partido político nacional porque aquilo que se exige é que no

centro das nossas preocupações esteja sempre os Açores e os Açorianos.

Sr. Presidente

Sras. e srs. Deputados

Sr. Presidente do Governo

Sras. e srs. Membros do Governo

São várias as leituras que podem ser feitas dos resultados eleitorais. Sendo todas legítimas, umas serão mais acertadas do que outras.

A verdade é que, apesar de as eleições terem sido há apenas três dias, já são várias as tentativas do PSD Açores para fazer extrapolações e leituras desadequadas dos resultados eleitorais.

Quem ouviu as declarações da Sra. Presidente do PSD Açores na noite eleitoral e algumas declarações de vários dirigentes deste partido, nos últimos dois dias, já percebeu a estratégia de tentar afirmar que, nas eleições presidenciais, estaria em causa mais algum sufrágio além das eleições presidenciais.

Fazê-lo é errado e demonstrativo das fragilidades de alguém que, não tendo capacidade para impor o seu projecto e as suas ideias



nos momentos certos, só consegue alegadas e virtuais vitórias quando são outros a ganhar.

Mas mais grave do que isso, afirmá-lo é passar um atestado de incapacidade aos açorianos que felizmente sabem perfeitamente diferenciar actos eleitorais e sabem identificar o que está em causa em cada eleição.

A história mostra-nos isso.

Basta um pequeno exemplo.

Em 2006, Cavaco Silva ganhou as Eleições Presidenciais nos Açores com 55% dos votos expressos.

Depois disso foram as eleições legislativas regionais que o PS ganhou com clara maioria absoluta, apesar de, na altura, o PSD dizer com grande vigor que a perda de votos do Partido Socialista era um claríssimo sinal de mudança que se adivinhava e que se aproximava um fim de ciclo.

O fim de ciclo tão apregoado pelo PSD afinal saldou-se por mais duas vitórias do Partido Socialista nos Açores em eleições

autárquicas e nas legislativas nacionais para a Assembleia da República.

Sr. Presidente

Sras. e srs. Deputados

Sr. Presidente do Governo

Sras. e srs. Membros do Governo

Os políticos têm de ter a humildade e a coragem de assumir as derrotas e de saber estar nas vitórias.

As regras da democracia impõem isso mesmo.

Nós assumimos frontalmente, sem reservas e sem rodeios que o candidato que apoiámos perdeu as eleições e não atingiu os seus objectivos.

Tristes daqueles que não têm coragem para assumir e dar a cara quando perdem e fracos daqueles que não têm a maturidade política para comemorar uma vitória.

Estes delírios do PSD/Açores mostram bem o estilo de Berta Cabral: foge e renega as responsabilidades nas derrotas, como se viu nas eleições autárquicas, e apropria-se a todo o custo das vitórias alheias, como se constatou domingo.

Berta Cabral, já sabíamos desde as autárquicas, tinha mau perder. Sabemos, agora, que tem também mau ganhar.

Devia ter dado, por isso, ouvidos ao seu líder Pedro Passos Coelho, que rejeitou – cito – “leituras partidárias” dos resultados eleitorais de domingo e sendo peremptório disse: “não eram os partidos da oposição nem o Governo que estavam a ser julgados nestas eleições”.

Foi uma declaração sensata e ponderada que contrastou com a ânsia de protagonismo fácil da Dra. Berta Cabral.

Aliás, é bom lembrar que no grande teste à sua liderança partidária – as eleições autárquicas de 2009 – Berta Cabral conseguiu um feito para o PSD/Açores: perder, pela primeira vez na sua história, o estatuto de maior partido do Poder Local nos Açores.

Sr. Presidente

Sras. e srs. Deputados

Feitas as contas e as legítimas análises políticas de cada um, tudo ficou na mesma, mesmo que alguns teimem em criar realidades virtuais que não correspondem à realidade.

Da nossa parte, vamos continuar a trabalhar, com lucidez, empenho e determinação a defender sempre mais desenvolvimento para os Açores e para os Açorianos, porque é isso que verdadeiramente interessa.

Disse.

Horta, Sala das Sessões, 26 de Janeiro de 2011

Berto Messias

Presidente do Grupo Parlamentar do PS/Açores